
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 6, julho a dezembro de 2007

RESENHA CRÍTICA

Platão. *O banquete*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.[Coleção Os pensadores]

O BANQUETE

Luciana Roso de Arrial¹

ADVERTÊNCIA

Esta resenha pontua uma leitura d'O Banquete de Platão, Diálogo consagrado ao deus Eros, com suas lições, metáforas, valores e conceitos que se transformaram em alguns dos modelos compreensivos de amor, passando a fazer parte da nossa cultura. Esta busca é uma retomada, da vinculação estabelecida por Platão entre Eros e Logos, assentando seus limites e seus fundamentos no discurso de personagens atenienses, em que se firmam as articulações da busca erótica com o movimento dialético. Platão nos enuncia tanto sua teoria da *Participação* quanto sua teoria do Amor, intermediário entre o sensível e o inteligível, os homens e os deuses, as Idéias e suas manifestações. A resenha que ora apresento não substitui a leitura que o leitor atento deverá realizar sobre a referida obra, cuja riqueza da mesma transcende esse propósito de contribuir para o resgate da cultura clássica que nos forjou.

¹ Mestranda em Educação Ambiental – PPGEA, FURG – Arquiteta e Urbanista pela UFPEL. Endereço eletrônico: luarrial@ig.com.br

RESENHA

Platão baseou-se nos personagens da época para escrever *O Banquete*, tais como o comediante Aristófanes, o poeta Agatão, o médico Erixímaco, entre outros, a fim de servirem de interlocutores ao seu discurso sobre o Amor, uma consagração a Eros.

A narrativa ocorre através de uma conversa entre Apolodoro e um Companheiro, sobre um banquete ocorrido na casa de Agatão, poeta ateniense. Tal jantar ocorrera muitos anos antes da narração de Apolodoro, que tomou conhecimento de tal fato através de Aristodemo, um dos presentes naquele encontro.

"*O Banquete*" de Platão (428/27 – 347 a.C.) trata de uma confraternização durante o qual alguns atenienses tentam explicar por que o amor exerce tanto poder sobre nós. O Amor nos inspira. Para tanto, é necessário colocar o homem no rumo certo, em direção ao Bem, ao Belo e ao Verdadeiro. O Amor, para Platão, atua como uma energia que nos estimula a caminhar em direção a nós próprios, à nossa verdadeira natureza, sedenta do belo, do bem e da verdade.

O homem é um ser de desejos. O amor é o objetivo de quase toda a preocupação humana; é por isso que ele influencia nos assuntos mais relevantes, interrompe as tarefas mais sérias e, por vezes, desorienta a nossa mente. Ele não hesita em intervir nas investigações dos sábios.

O que é o Amor? O Amor, ensina Diotima, nem é belo nem feio, nem pobre nem rico, nem sábio nem ignorante, nem mortal nem imortal, nem homem nem deus. O Amor é um gênio que serve de mediador entre os homens e os deuses. É como uma força perpetuamente instigadora e inquietante que conduz e direciona os homens na eterna busca pela felicidade. É o amor que nos envolve para a beleza, vivifica nossa alma e alimenta-a.

Sócrates (470-399 a.C.) foi convidado por Agatão a participar de um banquete em sua casa. Aristodemo, ao encontrá-lo, se surpreende com a forma pela qual Sócrates se apresenta, uma vez que era comum vê-lo transitando descalço pelas ruas de Atenas.

Após um pedido por parte de Aristodemo para acompanhar Sócrates ao banquete, ambos partem. Todavia, somente Aristodemo chega ao seu destino, visto que Sócrates tinha ficado para trás por ter encontrado algumas pessoas no caminho e com elas iniciado uma conversa. Como esse era um hábito já conhecido por seus companheiros, iniciou-se o jantar mesmo sem a presença do mestre.

Sócrates comparece ao encontro após a refeição já se encontrar pela metade, e senta-se ao lado de Agatão, anfitrião do banquete. É então sugerido por Erixímaco que, como maneira de controlar a bebedeira, se iniciasse o simpósio com o Amor como temática, pedindo que cada um dos convidados exponha o que sabe sobre Eros. Ao findar da proclamação dos discursos, Sócrates é o último a falar.

O primeiro dos convivas a elaborar seu discurso acerca do Amor é Fedro. Ele inicia sua fala afirmando que o Amor era um grande deus admirado pelos homens e pelos deuses (Platão, 1987: 12). O discurso de Fedro realça que o Eros pretende ser uma força educadora. Nesse caso, o Amor seria o próprio deus Eros, exercendo influência tanto no mundo mortal quanto no divino, sendo o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens.

O segundo a discursar sobre Eros é Pausânias. A idéia principal de sua oratória é a de que não existe só um amor, mas dois, conforme Platão (Ibidem: 14):

“Não me parece bela, ó Fedro, a maneira como nos foi proposto o discurso, essa simples prescrição de um elogio ao Amor. Se, com efeito, um só fosse o Amor, muito bem estaria; na realidade, porém, não é ele um só; e não sendo um só, é mais acertado primeiro dizer qual o Amor que se deve elogiar.”

Essa passagem sustenta a afirmação de que não existe apenas uma natureza de amor para os gregos ou que somente uma natureza seria digna de receber louvores.

Pausânias prossegue, classificando os dois tipos de Amor existentes, pois são gerados pelas duas espécies de Afrodite que há: a Afrodite Urânia, a Celestial e a Afrodite Pandêmia, a Popular. O Amor de Afrodite Pandêmia é o amor banal, destinado a qualquer pessoa, incluindo as mulheres; o Amor de Afrodite Urânia, que existe apenas entre os homens, prende-se à inteligência e não ao corpo, ao contrário do de Pandêmia.

“Ora pois, o Amor de Afrodite Pandêmia é realmente popular e faz o que lhe ocorre; é a ele que os homens vulgares amam. E amam tais pessoas, primeiramente não menos as mulheres que os jovens, e depois o que neles amam é mais o corpo que a alma, e ainda dos mais desprovidos de inteligência, tendo em mira apenas efetuar o ato, sem se preocupar se é decentemente ou não; daí resulta então que eles fazem o que lhes ocorre, tanto o que é bom como o seu contrário. Trata-se com efeito do amor proveniente da deusa que é mais jovem que a outra e que em sua geração participa da fêmea e do macho. O outro porém é o da Urânia, que primeiramente não participa da fêmea mas só do macho – e é este o amor aos jovens – e depois é a mais velha, isenta de violência; daí então é que se voltam ao que é másculo os inspirados deste

amor, afeiçoando-se ao que é de natureza mais forte e que tem mais inteligência.” (Ibidem: 15)

Pode-se interpretar nessa citação como sendo a apropriação do corpo do outro como obtenção do prazer sexual, onde apesar das relações pederastas envolverem um certo tipo de sensualidade por parte dos envolvidos, o que realmente estava em foco era o conhecimento passado do mais velho ao mais jovem, para o desenvolvimento intelectual do adolescente.

A seguir, o médico Erixímaco realiza sua fala em louvor a Eros, propondo um remate ao discurso de Pausânias, enfatizando a bela distinção entre a duplicidade do Amor. Segundo Erixímaco o Amor não está apenas nas almas dos homens, e para com os belos jovens, mas também nas outras partes, nos objetos, nos corpos dos animais, nas plantas da terra, e em todos os seres, tanto na ordem das coisas humanas como entre as divinas.

“Assim, múltiplo e grande, ou melhor, universal é o poder que em geral tem todo o Amor, mas aquele que em torno do que é bom se consoma com sabedoria e justiça, entre nós como entre os deuses, é o que tem o máximo poder e toda felicidade nos prepara, pondo-nos em condições de não só entre nós mantermos convívio e amizade, como também com os que são mais poderosos que nós, os deuses.” (Ibidem: 21)

Erixímaco conclui passando a vez para o poeta Aristófanes completar ou elogiar o deus Eros, que elabora um dos discursos mais interessante dessa obra.

Aristófanes afirma que no princípio existiam três gêneros humanos: o masculino, de início descendente do sol; o feminino descendente da terra; e o andrógino descendente da lua. Esse último era um ser duplo, com costas e flancos duplos, quatro mãos e quatro pernas e dois rostos virados em direções opostas na mesma cabeça, possuindo uma grande força, vigor e presunção. Havia andróginos com uma metade masculina e outra feminina, e outros com as duas metades masculinas ou duas femininas. Certo dia, os andróginos revoltaram-se contra os deuses, diz Zeus:

“Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não

quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão, saltitando.” (Ibidem: 23)

Condenados por Zeus, desde então, as pessoas buscam na sua “outra metade” aquilo que não encontram em si, a procura do todo que se dá o nome de amor. Segundo Aristófanes, a pessoa amada é nossa "outra metade" há muito perdida, a cujo corpo estávamos originalmente ligados.

Após relatar o mito dos andróginos, Aristófanes eleva a honra e moral dos que procuram sua outra metade nos rapazes, afirmando que é uma prova de ousadia, masculinidade e bravura, por parte de quem a pratica e acolhe o que lhes é semelhante, reportando-se as relações homossexuais em Atenas.

“Quando então se encontra com aquele mesmo que é a sua própria metade, tanto o amante do jovem como qualquer outro, então extraordinárias são as emoções que sentem, de amizade, intimidade e amor, a ponto de não quererem por assim dizer separar-se um do outro nem por um pequeno momento. (...) A ninguém com efeito pareceria que se trata de união sexual.” (Ibidem: 24)

É evidente que Platão transmite através de Aristófanes a idéia que uma união amorosa não era, necessariamente, sexual. O mito dos andróginos vislumbra o aperfeiçoamento das relações em sua essência com o auxílio de outro, não necessariamente através do prazer sexual.

O próximo a falar é o anfitrião do banquete, o poeta Agatão que atribui ao Amor: beleza, juventude, coragem, sapiência, justiça e temperança, todas as qualidades que buscavam nas relações: “Quanto à beleza da sua tez, o seu viver entre flores bem o atesta; pois no que não floresce, como no que já floresceu, corpo, alma ou o que quer que seja, não se assenta o Amor, mas onde houver lugar bem florido e bem perfumado, aí ele se assenta e fica”, relata o anfitrião (Ibidem:25).

Eros encontra seu objetivo maior nos jovens, dotados do vigor, energia e encanto da vida.

Após os hinos em exaltação ao Amor, somente no final da obra, Platão permite ao Sócrates elucidar seu pensamento sobre Eros, mas isso não se faz de forma direta, mas através da fala da sacerdotisa Diotima de Mantidéia, inusitadamente, visto que as mulheres eram tidas como isentas de intelecto. No entanto, é através dela que Platão apresenta sua concepção de amor nesta obra, afirmando ser Eros um intermediário entre

os homens e os deuses, assim como o papel do filósofo para Platão, que ocupa um lugar intermediário entre a sabedoria e a ignorância.

Sócrates expõe uma teoria que ficaria conhecida como "amor platônico". Que revela a ignorância daqueles que não refletem e tendem a se apaixonar por pessoas fisicamente atraentes. Infelizmente, essa não é uma forma nobre para Sócrates, embora com o devido aconselhamento possamos chegar a ver que a beleza específica de um corpo é somente um exemplo da beleza dos corpos em geral. Quando nos damos conta disso, passamos a amar a beleza onde quer que ela se encontre. Somos capazes de aprender que a beleza da alma é muito mais valiosa do que a beleza física. A partir deste momento é que passamos a contemplar a beleza da beleza; em outras palavras, o amor pela beleza absoluta.

O amor platônico é o mais precioso auxiliar daquele que quer atingir a perfeição, pois o movimenta em direção a ela. É sublime e poderoso; faz-nos procurar o que nos falta, garantindo a essência, as formas, o ser e o conhecimento. O amor platônico é filósofo porque nos faz ver que a verdade de nossa natureza que é o procurar, o procurar o saber. Essa a lição do Banquete.

Nesse diálogo, é muito significativo o que ocorre no último ato. O final do diálogo ocorre quando Alcibiades, jovem de grande talento, adentra em cena de forma repentina, embriagado. Introduce-se, então, uma aproximação entre a representação filosófica do Amor e a sua encarnação, na figura de Sócrates.

Decidido a elaborar um elogio em favor de Sócrates, Alcibiades relata experiências que tiveram no passado, enquanto fatos interessantes, como a recusa de Sócrates em se deitar com Alcibiades, fazem parte deste discurso e ilustram como ocorriam os contatos sexuais.

Sobre os que apresentavam ser inclinados ao desejo exclusivo pelos rapazes, ou se comportassem de forma afeminada, Platão deixa transparecer certo preconceito, assim sendo, tanto os efeminados quanto seus amantes eram desprovidos da luz suprema proveniente da sabedoria, pois estavam muito mais preocupados com a carne do que com a alma.

Pela manhã, uns tinham ido embora ou desmaiado de tanto beber, exceto Aristófanes, Agatão e Sócrates, que estavam ainda fazendo circular uma grande caneca de vinho, enquanto Sócrates sustentava que o gênio da tragédia é o mesmo que o da comédia e que o verdadeiro artista poderia escrever ambas.

Sócrates questionava-os, instaurando a incerteza, levando-os, com isso, à busca da cognição, através dos confrontos argumentativos mediados pelas reflexões, levando ao reconhecimento da ignorância, demarcando sua célebre frase: "sei que nada sei!". Saber que não se sabe é o que mobiliza o indivíduo na busca ao conhecimento. Em suma, o amor para Sócrates é o desejo de algo que não se possui. Esta busca racional é contemplativa, isto significa buscar a verdade no interior do próprio homem.

Amor platônico, na acepção moderna, é toda a relação afetuosa em que se abstrai o elemento sexual, idealizada, por elementos heterossexuais de gêneros diferentes - como num caso de amizade pura, entre homem e mulher. Esta definição difere da concepção do amor ideal de Platão, que concebera o Amor como algo essencialmente puro e desprovido de paixões. O Amor, no ideal platônico, não se fundamenta num interesse (mesmo o sexual), mas na virtude.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PLATÃO. *O banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.[Coleção Os pensadores]